

10, 11 e 12 de novembro de 2025

POLITÉCNICO DO PORTO / ISCAP  
PORTO - PORTUGAL

## INOVAÇÃO DOS ESTUDOS INFORMACIONAIS BRASILEIROS: O PAPEL DO IBICT E DE SUA ESCOLA NA VANGUARDA DO ENSINO PARA ESTUDOS INTERDISCIPLINARES EM INFORMAÇÃO (2013-2025)

Ricardo Medeiros Pimenta, Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (Ibict), 0000-0002-1612-4126, Brasil, ricardopimenta@ibict.br

**Exo: Tendências na Formação e Educação em Ciência da Informação (Biblioteconomia, Documentação, Arquivologia e Patrimônio)**

### 1 Introdução

Durante os últimos três anos, o Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (Ibict), unidade de pesquisa do Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação (MCTI) do Brasil, tem desenvolvido, entre seus projetos institucionais e demais atividades, uma atuação voltada ao ensino de aparente maior envergadura. A ação, sob o nome de Escola Nacional de Informação (Enacin), tem sido realizada pela Coordenação de Ensino em Informação para a Ciência e Tecnologia (Coepi) e, desde 2023, tem buscado identificar e concatenar diferentes iniciativas que detinham interlocução com o campo da educação, da formação e do ensino *grossó modo* de tudo aquilo tem se desenvolvido enquanto campo da Ciência da Informação em uma escala interdisciplinar cada vez mais ampla.

Promover um espaço de exercício crítico e de maior experimentação de práticas, ferramentas, conceitos e questões é uma condição cada vez mais urgente para poder-se acompanhar a impiedosa aceleração dos fenômenos infocomunicacionais mediados pelos artefatos, estéticas e performances da nossa cultura digital e algorítmica contemporânea. E dessa maneira o constante investimento nas práticas de interdisciplinaridade e dos métodos de ensino na CI são fundamentais.

Nesse sentido este texto parte da premissa de que a ausência do ensino como prática/política de um instituto ou qualquer outra organização pública ou privada voltada à pesquisa e ao desenvolvimento, acabaria por fortalecer suas características mais herméticas. E que, diferentemente desse cenário, é por meio do seu emprego que se torna viável a melhor disseminação do conhecimento bem como uma maior convergência de experiências e conceitos em uma episteme de conteúdo interdisciplinar e atualizado.

Nesse contexto, a proposta de reflexão crítica aqui em pauta tem como objeto de questionamento o evento de construção de um novo modelo de ensino agregador às diversas atuações do Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (Ibict). Onde tal ocorrência seja, de fato, algo que se coaduna à necessidade do Ibict passar a se tornar referência para responder questionamentos, e propor soluções não somente em termos de informação para a ciência e tecnologia, como para a sociedade como um todo.

Este trabalho avalia, portanto, a partir do pensamento crítico e do método do materialismo dialético, os contextos nos quais a empreitada do ensino não apenas se torna legitimadora da instituição que se debruça sobre a pesquisa científica, como parece ser igualmente a estratégia de inovação em face do que Michel J. Menou (1996) apontou ser, o ensino e a reformulação de currículos uma

necessidade real ao passo que o contexto sociocultural no qual os profissionais da informação se inserem.

O Ibict, da década de 2013 a 2023 e, *stricto sensu*, dos últimos três anos parece ter caminhado justamente nessa direção.

Este recorte temporal se explica da seguinte maneira: o ano de 2013 é um marco. Após um concurso realizado no ano anterior, quatro vagas de pesquisador para o instituto, destinadas à coordenação de ensino, na cidade do Rio de Janeiro, são preenchidas. Dentre elas, três ocupadas por pesquisadores de diferentes formações e sem vivência ou produção na área da CI. Já no tocante aos últimos três anos (2023, 2024 e 2025) a mesma coordenação de ensino, apoiada pela diretoria do Ibict, inicia um projeto de desenvolvimento e prototipagem de um modelo de escola de informação no âmbito da CI mas também pensando em tudo o que o instituto realizava em termos de serviços e produtos para o Estado, o governo e a sociedade. Esses dois marcos ressignificam nossa visão historicista sobre a lente do ensino e da formação de recursos humanos para a sociedade na última década.

Sendo assim, em termos gerais o objetivo visa identificar os atores e eventos que corroborem tal diagnóstico primário. Enquanto em termos específicos, trataremos de identificar os atores sociais/pesquisadores que construíram no âmbito do Ibict sua autoridade epistêmica no campo nos últimos anos e, juntamente com eles, as pautas que se tornaram mais tempestivas, levando o instituto a novas ações em termos de ensino e formação.

## **2 Referencial Teórico**

---

Para Saracevic (1980), a fruição plena do potencial formativo da Ciência da Informação só se concretiza quando o escopo educacional se reveste de interdisciplinaridade explícita em seu cerne. É essa tessitura interdisciplinar que erige o verdadeiro alicerce da disciplina, na medida em que lhe incorpora, em um gesto integrador, tanto os vetores internos quanto as dinâmicas externas que identificam o campo

da CI contemporânea e possibilitam novos e diversos desdobramentos dos processos de ensino e aprendizagem (Saracevic, 1980, p. 3) que podem e devem contribuir em medida ampla para a área.

É bem verdade que o “boom informacional” (Silva e Sampaio, 2017; França e Gomes, 2013) vivido nas últimas três décadas traz à CI uma demanda pública e orgânica de maior urgência ou mesmo de maior celeridade para responder às novas pautas sociotécnicas e tecnopolíticas que se apresentam e se reinventam velozmente na sociedade.

Abordar a interface entre ensino e informação torna-se imprescindível (Santos & Ribeiro, 2020). Sem ela, não entendemos como possível a construção e o compartilhamento de uma compreensão calcada no conhecimento científico sobre essa vertiginosa aceleração inerente à sociedade informacional, tampouco sobre as novas relações sociais, políticas e culturais que povoam os fenômenos informacionais atuais. Tal debate está muito presente quando Byung-Chul Han (2015) nos alerta sobre os impactos adversos de uma utopia produtivista, ou mesmo quanto os modos pelos quais os artefatos culturais e tecnológicos que permeiam nossa cultura informacional reconfiguram as experiências temporal e espacial dessa mesma comunidade (Han, 2018).

Ou seja, na adversidade ou na dificuldade de lidar com os avanços da sociedade da informação atual, a proposta ora apresentada no âmbito do Ibict concernente a um programa chamado de “Escola Nacional de Informação (Enacin)” parece representar materialmente um percurso histórico recente de desenvolvimento crítico de um grupo que talvez represente uma vanguarda de um campo. Que nos últimos anos parece ter se aproximando cada vez mais de balizas conceituais e teóricas das ciências humanas e sociais; deixando de ser exclusivamente uma área de inclinação às ciências sociais aplicadas e aos desenvolvimentos técnicos de recursos, produtos e serviços.

Poderíamos bem dizer que a heurística, muito familiar ao campo da CI onde estratégias e soluções se plasmam a partir do domínio da técnica e da vontade em solucionar demandas, passa a andar ombro a ombro com a hermenêutica: um estudo mais interpretativo e analítico dos conteúdos, significados daquilo que se quer ou se pode dizer a partir de registros informacionais e respectivos suportes diversos.

O que se quer afirmar aqui enquanto um ponto conceitual importante para o desenvolvimento do trabalho, é que as atividades de formação e de desenvolvimento crítico no âmbito das estratégias de ensino do Ibict deixaram de se tornar há décadas ações que visam suprir as “engrenagens” de dessubjetivação (Carvalho, 2019) em que instituições de ensino públicas historicamente foram erigidas. Mas que pelo tensionamento da própria sociedade da informação e pela demanda em responder cientificamente, academicamente e criticamente aos fenômenos informacionais contemporâneos, atendendo ao projeto de Estado, mas sem subordinar-se por completo à tecnopolítica das *Big Techs*, pode ressignificar nas práticas de ensino e em suas temáticas ou questionamentos seu papel político e social na contemporaneidade.

O ano de 2013 foi marcado pelas jornadas de Junho, pela descoberta da existência de Edward Snowden e pela intensa e crescente percepção de que a esfera pública informacional foi sempre desde sua forja um campo de guerra de proporções ainda desconhecidas.

Apresentar a lista de acontecimentos político-socio-econômicos no período 2013-2019 seria recompor uma década de enormes transformações na luta pelos direitos humanos e pela cidadania, em meio ao recuo dos avanços sociais no mundo e no Brasil. Entre a eleição de Donald Trump nos Estados Unidos, em 2016, e o assassinato da vereadora Marielle Franco no Rio de Janeiro, em 2018, a democracia mundial tem sido abalada por fatos cada vez mais relacionados

de modo definitivo à dimensão informacional. A economia política da informação passara a ditar, muito antes, as relações sociais, das micro a macro formas de interação na urbes, colocando na década, de modo escancarado, a capacidade de controle dos sistemas judicial, legislativo e executivo dos mais diferentes países, sociedades, culturas, todos à mercê dos grandes conglomerados de comércio de dados. (Bezerra, Schneider, Pimenta & Saldanha, 2019, p. 07).

Conforme colocado pouco acima, no tocante a articulação entre heurística e hermenêutica, a CI brasileira de fato parece ter ganho alguns novos e interessantes contornos, diferenciando “escolas” de pensamento e de práticas distintas ainda que sempre complementares. O que se afirma com segurança é que, desde o início da década de 2010 a agenda que se construiu buscou:

(...) questionar a autoridade do modelo original da ciência da informação e de forçar seus limites para a incorporação de problemas, questões, objetos e abordagens distintos. Ao contrário de outras áreas das ciências humanas e sociais, na ciência da informação fundamentar a perspectiva crítica ainda é uma tarefa necessária. E, mais ainda, nos dias atuais, em que novos fenômenos informacionais estão a demandar respostas de compreensão e intervenção: o fenômeno da pós-verdade, o crescimento do autoritarismo com o nacional-populismo no mundo todo e particularmente no Brasil, o monopólio e a opressão dos motores de busca e redes sociais, o efeito bolha, o crescimento do negacionismo científico, entre outros. (Araújo, 2019, p. 244).

Entre 2015 e 2019, a Ciência da Informação experimentou uma notável ampliação de seu escopo temático, integrando áreas até então marginalizadas ou incipientes. Nesse período, a interdisciplinaridade passou a figurar como uma das frentes centrais de investigação, ao lado de métricas alternativas de avaliação científica (altmetrics) e do tratamento de grandes volumes de dados (*big data*), refletindo a necessidade de lidar com a complexidade e a massificação das informações (Song et al., 2020). Ao mesmo tempo, as redes sociais mantiveram-se como objeto de estudo, mas ganharam ênfase renovada ao serem analisadas sob a ótica de engajamento e de dinâmicas de rede, enquanto temas como “Twitter” (2018) e “mídia” (2019) surgiram como marcadores da evolução do campo.

Embora esses tópicos toquem diretamente em questões de ordem social, eles se assentam sobre o emprego de ferramentas e metodologias quantitativas e computacionais, se aproximando tanto das Ciências Humanas quanto das disciplinas da engenharia da informação, da computação e da ciência de dados.

Essa confluência sinaliza que a Ciência da Informação não apenas se abre para reflexões críticas sobre o contexto sociocultural, mas também se estruturou com instrumentos tecnológicos avançados, criando um diálogo fecundo entre o rigor analítico e a sensibilidade humanística (SIMON, 2010).

Na esteira dessa afirmação surge nesta mesma década as Humanidades Digitais (HD) como elemento de exponencial interesse no Ibict e de maior envolvimento por pesquisadores oriundos da CI. Afinal, com o avanço contínuo das Tecnologias da Informação e Comunicação, turbinadas pela interconectividade global e pelos algoritmos que regem esse fluxo, os limites entre Ciência da Informação e Humanidades Digitais tornaram-se cada vez mais permeáveis.

A integração de técnicas como computação avançada, processamento de linguagem natural, aprendizado de máquina e outras ferramentas de inteligência artificial, bem como o advento da web semântica, tem transformado profundamente a sociedade da informação de forma inédita. Esses recursos não apenas geram vastos fluxos de dados e metadados — e, por extensão, informação e metainformação — mas também reformulam nossa cultura informacional ao se incorporarem ao cotidiano com intensidade crescente (González de Gómez, 2002).

Esse cenário nos impele a conceber novos modos de interação e de questionamento, nos quais pessoas, máquinas, sistemas e conjuntos de dados se entrelaçam em dinâmicas antes inimagináveis. O aspecto humanístico do problema que se forma ganha cada vez maior peso e, em nossa perspectiva, se tornou fundamental nos últimos anos uma maior articulação entre a CI no Brasil e as percepções humanísticas para além das fronteiras das ciências sociais aplicadas.

Afinal, com a incorporação de novas ferramentas — desde algoritmos de recomendação, até plataformas sociais, e formas de repositórios digitais avançados — não apenas amplia o repertório metodológico, mas também reconfigura os públicos que consomem e colaboram na produção dos saberes e de conhecimentos, introduzindo registros informacionais de características até então inéditas e tornando obsoletos modelos de comunicação e validação acadêmica anteriormente vigentes. Esse dinamismo de atores e problemas ilustra como a Ciência da Informação se reinventou nos últimos anos, passando de um foco restrito a bibliométricas e sistemas de classificação para um campo verdadeiramente emaranhado de perspectivas tecnológicas, humanas e discursivas.

No escopo do Ibict isso parece ter ficado mais claro do ponto de vista de sua respectiva produção a partir, principalmente, de 2013 com a entrada de um novo conjunto de pesquisadores. Cabe destacar que a mudança aqui identificada não é fruto unicamente da

chegada desse ou daquele ator, mas sim da profícuia coincidência em se haver uma renovação de alguns quadros juntamente com uma possível “virada” epistemológica e metodológica com a qual vivíamos a partir dos anos 2010.

A partir de 2013, quatro novos quadros de pesquisadores compuseram o corpo de pesquisa e ensino daquela instituição. Todos os quatro também integraram o Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, naquele momento realizado em acordo com a Universidade Federal do Rio de Janeiro, a UFRJ. Foram eles:

Arthur Coelho Bezerra (1); Gustavo Silva Saldanha (2); Marco André Feldman Schneider (3); e Ricardo Medeiros Pimenta (4). Suas formações básicas, seguidas daquelas em *stricto sensu*, eram:

(1) bacharel em Produção Cultural pela Universidade Federal Fluminense (UFF); obteve o mestrado em Sociologia pelo Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro (IUPERJ); e concluiu o doutorado em Sociologia na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), tendo também realizado pós-doutorado na mesma instituição.

(2) bacharel em Biblioteconomia pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG); possui especialização em Filosofia Medieval pela Faculdade São Bento do Rio de Janeiro (FSBRJ); concluiu o mestrado em Ciência da Informação pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG); e obteve o doutorado em Ciência da Informação pelo Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia, em convênio com a Universidade Federal do Rio de Janeiro (IBICT-UFRJ).

(3) bacharel em Comunicação Social, com habilitação em Produção Editorial pela Escola de Comunicação da UFRJ; mestre em Comunicação e Cultura pela mesma instituição (ECO-UFRJ); doutor em Ciências da Comunicação pela Escola de Comunicações e Artes da USP (ECA-USP); com estágio pós-doutoral em Estudos Culturais pelo Programa Avançado de Cultura Contemporânea (PACC/UFRJ).

E (4) bacharel e licenciado em História pela Universidade Gama Filho (UGF); especialização em História do Brasil pela Universidade Cândido Mendes (UCAM); mestrado em Memória Social e Documento pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (Unirio); e doutorado em Memória Social pela mesma instituição (Unirio), com estágio doutoral na École des Hautes Études en Sciences Sociales (EHESS), em Paris; realizou pós-doutorado no Programa Avançado em Cultura Contemporânea da UFRJ (PACC/UFRJ).

Acredita-se que, com exceção de um único pesquisador que era originalmente da Biblioteconomia com toda sua formação pós-graduada na CI, a formação *dehors* do campo da CI de três dos pesquisadores recém chegados ao Ibitc pode ter contribuído para a interlocução inter e transdisciplinar.

Alguns temas já trabalhados no Ibitc já se mostravam como evidência de um olhar diversificado para além do campo mais tradicional da CI. Exemplo disso foi a contínua produção na área do meio ambiente, da sustentabilidade e da informação ambiental que a pesquisadora Liz-Rejane Issberner já atuava.

Com efeito, o que se propõe aqui é a afirmação de que a CI que conhecemos hoje, no âmbito do Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (Ibitc) pode ser compreendida em sua expressão como fruto de uma nova aproximação que se funda, em primeiro lugar, a partir da adoção de abordagens interpretativas e críticas que tradicionalmente pertenciam às Humanidades.

E que, em outra faceta, a elaboração de um projeto de “escola nacional” também é uma resposta institucional a esse cenário de transformação. Ao reconhecer que os processos de produção e validação do conhecimento e da informação não são neutros, mas sim estão sempre inscritos em contextos políticos, sociais e culturais, a CI dos últimos vinte anos parece cada vez mais incorporar reflexões sobre sentido, valor e poder. Temas característicos de pesquisa já

consagrados em áreas como Filosofia, Sociologia e Estudos Culturais.

Complementarmente, o que se têm testemunhado é uma crescente aproximação com o pensamento crítico onde não apenas as tecnologias, mas também os artefatos culturais e simbólicos que elas produzem passam a ser identificados como elementos produtores e validadores da informação. Práticas de visualização de dados, de mapeamento científico e de análise de redes sociais, por exemplo, são progressivamente empregadas para distinguir narrativas, identidades coletivas e dinâmicas de poder na “cultura informacional” que hoje é também representada por problemas e questionamentos da ordem da privacidade, da vigilância, das violências algorítmicas, do apagamento da memória, da desinformação, da integridade da informação, do facismo e da polarizações ideológicas e políticas, do negacionismo científico, dos estudos de gênero, entre tantas outros temas.

Do ponto de vista dessa mudança gradativa ocorrida nos últimos anos, aqui proposta, faz-se evidente que a demanda por adaptação e desenvolvimento por parte de um instituto que sempre esteve na vanguarda dos estudos informacionais brasileiros, acabaria por adotar alguma “forma”.

Na medida que os novos quadros do instituto buscaram se debruçar sobre os problemas informacionais munidos de suas ferramentas teórico-conceituais próprias de suas áreas de origem, a instituição também se viu demandante por desenvolver e testar novas metodologias, aplicações e conceitos — além de oferecer oficinas, atividades de extensão e iniciativas de divulgação científica — voltadas tanto a estudantes de graduação quanto de pós-graduação configura o cerne do que entendemos por “escola de pensamento público” (Fecher & Friesike, 2020) . Essas ações inovadoras sempre se mantiveram alinhadas aos fundamentos da ciência aberta — acesso irrestrito, compartilhamento transparente e cooperação colaborativa — garantindo que o processo de geração e disseminação do conhecimento fosse inclusivo

e comprometido com a democratização do saber.

Uma abordagem pedagógica verdadeiramente integradora precisa cultivar espaços de diálogo onde especialistas de diferentes tradições acadêmicas — das ciências exatas às humanidades — possam construir colaborativamente saberes e desafiar conjuntamente as questões emergentes da sociedade contemporânea que há muito já não mais se encerram em um único campo disciplinar. O conhecimento tem como importante contribuinte as redes de atores heterogêneos que operam dinamicamente, tornando a Ciência da Informação um campo em constante mutação e desenvolvimento.

Talvez sem ter clara consciência disso, a renovação de quadros do Ibict no ano de 2013 possibilitou tais espaços: construtores e integradores de diálogo inter, multi e transdisciplinar.

E que antes de saber já estava a construir uma perspectiva de ensino diferente daquela que a precedeu nos anos anteriores. Uma escola de estudos informacionais, ligada originalmente ao campo grande da Ciência da Informação, da Library Information Studies (LIS), mas com novas “fundações” de ordem humanísticas e filosóficas capazes de sustentar a construção de novas plataformas de investigação, de pensamento e de formulação de hipóteses para (cor)responder às demandas, às novas violências e crises entre tantas outras inquietações da sociedade contemporânea.

Para Gilbert Simondon, a transindividuação é um fenômeno que ultrapassa a simples interação entre sujeitos. Não se trata de uma intersubjetividade pois estes “atores” não estão fechados, concluídos, e sim todos em processo contínuo de individuação. Em uma dinâmica em que o “eu” e o “nós” nascem simultaneamente de um fundo pré-individual comum (COMBES, 2013). A organização social ou a instituição, por exemplo, atua como instrumento de agrupamento, de ajuntamento desse fundo pré-individual, podendo contribuir em sua forma para configurações sociais que

nos atravessam e moldam nossas existências. (SIMONDON, 1989).

Ainda assim tal espaço de transindividuação não apaga ou enfraquece os processos particulares de individuação vividos por cada um ali implicado. Ele age apenas de maneira aditiva.

Ou seja, soma, a partir da experiência que só pode ser possível a partir daquele espaço e tempo construído, ao que já está em construção íntima. Esta característica está presente na *praxis* das atividades de ensino realizadas no Ibict, em seu programa de Pós-graduação, nas oficinas e nos demais cursos realizados. Todos os processos de ensino-aprendizagem atualmente vividos no âmbito da atuação da coordenação de ensino e pesquisa do Ibict, na cidade do Rio de Janeiro, têm essa característica.

O público discente, de formações distintas e de campos técnicos, profissionais variados, vive uma imersão e contato contínuo com o corpo de pesquisadores e docentes do programa de pós-graduação. Em seus percursos individuais, participam da vida não apenas de seus respectivos cursos, como também de agendas do próprio Ibict. Há projetos, serviços e atividades que extravasam a grade do programa de pós-graduação por serem do instituto como um todo. E como o instituto acaba por lidar com diferentes demandas como: informação científica, tecnológica, para o governo, para a sociedade, para a sustentabilidade, para tecnologias e sistemas de informação, o ensino e a pesquisa acaba por transversalizar-se em todas essas camadas.

### **3 Procedimentos Metodológicos**

A pesquisa aqui conduzida, de ordem descritiva e exploratória, buscou trabalhar com uma análise de conteúdo que se dará a partir de realizada a abordagem quali-quantitativa.

levantamento de dados referentes à atividades de ensino realizadas nos últimos anos no âmbito do Ibict.

A partir do material coletado, se buscou o emprego da análise crítica auxiliada da perspectiva do materialismo dialético sobre seu conteúdo de maneira que se tornasse possível compreender os “vetores” de força e os atores políticos envolvidos nas mudanças disciplinares, ou nos projetos de investigação científica e no desenvolvimento de novas formas de divulgação e de ensino da Ci juntamente com novos objetos de pesquisa e novos temas; tendo como campo as ações do Ibict que nos últimos dois anos vem sendo englobadas pelo desenvolvimento da Enacin.

De início, o primeiro ponto foi o de identificar e compreender aquilo que distinguia alguns atores, lotados na coordenação de ensino e pesquisa do Ibict, dos demais originalmente egressos do campo da Ci.

Na esteira dessas novas possibilidades para o campo de estudos da Ci, atividades de pesquisa conduzidas pelos quadros recentes da pesquisa e ensino do Ibict parecem convergir razoavelmente para esse novo cenário aqui esboçado. Um breve levantamento a partir da base científica de dados do currículo *lattes*, é capaz de identificar temas característicos como os dispostos abaixo.

Estudos sobre pirataria, mercados ilícitos de bens culturais, vigilância, violência urbana, antropologia da cultura popular, segurança pública, sociologia da violência, trabalho precarizado, economia política do capitalismo digital, patrimônio cultural e teoria crítica são termos particularmente familiares ao pesquisador (1).<sup>1</sup>

Já Estética e cultura de massa, teoria do gosto, economia política da comunicação e indústria cultural, materialismo dialético, Marx, Trotsky, Engels, biopolítica, antropologias e periferias, são presentes na lista curricular de produção do pesquisador (3).<sup>2</sup>

<sup>1</sup> Disponível em: <http://lattes.cnpq.br/1359214991662158>. Acesso em 19 jul. 2025.

<sup>2</sup> Disponível em: <http://lattes.cnpq.br/6589062304969432>. Acesso em 19 jul. 2025.

Quanto ao pesquisador (4)<sup>3</sup>, é possível perceber temas como história cultural, história do tempo presente, memória social, movimentos sociais, sociologia do trabalho, sindicalismo, memória do trabalho, ditadura militar, arquivos sindicais, trabalhadores, vigilância, filosofia da técnica, Vilém Flusser, Imagem técnica, visibilidades, cultura visual, cultura material, antropologia da memória e sociologia da memória.

Tais perfis são evidências das especialidades e interesses de pesquisa de cada um dos pesquisadores de 2013 e que, de alguma forma podem ser esses temas um conjunto de referências para compreendermos a partir de qual *background* a vanguarda de uma Ciência da Informação Humanística se torna tangível e, em consequência disso, a Enacin se torna projeto. Voltaremos a isso na subseção 3.2.

### **3.1 O Ibict em sua faceta técnica e aplicada**

Em relação às atividades tocadas pelo Ibict em termos de capacitações e cursos de ordem mais técnica, foi realizado um mapeamento junto a cada coordenação-geral. Esta ação foi parte da pesquisa realizada para construção da Enacin, adotando um modelo de confluência das atividades de ensino, de ordem mais técnica e aplicada, que estavam pulverizadas entre outras coordenações em uma único modelo. Dentre as ações realizadas entre 2019 e 2024, identificaram-se os seguintes eventos protagonizados pelas coordenações do Ibict que se localizam em Brasília:

1) Workshop – IBICT e TRE-SP; 2) Workshop TJM MG e IBICT – Projeto de pesquisa; 3) Workshop de repasse tecnológico e informacional sobre o RDC-Arq; 4) Ciência Aberta e Qualidade de Revistas Científicas; 5) Aprendendo OJS 3.3 – Editora IFTM; 6) Treinamento do software Koha para a Biblioteca da Universidade Federal do Amapá; 7) Aprendendo OMP 3.3 – Editora da Universidade Federal de Roraima (EDUFRR); 8) Workshop – Ministério da Cidadania; 9) Oasisbr e o Acesso Aberto no Brasil; 10)

Workshop Portal IBICT no Gov.BR; 11) Treinamento do software Koha para o Arquivo Nacional; 12) Introdução ao PGD-BR: gestão eficiente de Dados Científicos; 13) Workshop interno – Regularização Fundiária; 14) Gestão e implementação de sistema de gerenciamento para Repositórios Digitais; 15) Workshop APERS; 16) Workshop Iphan/IBICT; 17) Oficinas Insumo: Spring Boot e jHipster; 18) Workshop - Apresentação do Sistema Visão; 19) Seminário de alinhamento sobre Preservação Digital; 20) Formação para gestores de repositórios de publicações científicas; 21) Treinamento do software DSpace para o Tribunal de Justiça do Distrito Federal e dos Territórios; 22) Workshop “Projeto Pinakes: modernização dos serviços bibliográficos do IBICT e construção de infraestruturas informacionais e tecnológicas”; 23) Revistas científicas: acesso aberto, qualidade e disseminação; 24) Aprendendo OJS 3.3 – S Soberana, IEF e DEP/Segen; 25) Aprendendo OJS 3.3 – TRT, ESD e Depen; 26) Oficina Java com Maven ou Gradle; 27) Curso OJS 3 para Gerentes de Revista – 2019; 28) Workshop Archivematica; 29) Oficina Inova SUS; 30) Workshop MC / MAPA / IBICT / CONFEA-CREA / ANATER: Assistência Técnica Rural; 31) Workshop Archivematica – Parte 2; 32) Workshop: Portal Ciência para a Sustentabilidade; 33) Visualização de Dados: case Visão; 34) Minicurso sobre Preservação Digital; 35) Workshop IBICT – app Mais Primeira Infância; 36) Workshop Plataforma Ciência Cidadã; 37) Repositórios Digitais: Iniciativas do Ibict; 38) Curso OJS 3 para Gerentes de Revista – Hipátia: modelo de preservação digital para implementação de Repositórios Arquivísticos Digitais Confiáveis; 39) Aprendendo OJS 3.3 – UFRJ e CLDF; 40) Aprendendo OJS 3.3 – ANPREV e IEA; 41) Uso da plataforma OPEN MONOGRAPH PRESS (OMP) para publicação de livros no VII ENEDIF; 42) Curso OJS 3 para Gerentes de Revista - UERJ, Escola do Serviço Penitenciário, Unisagrado, Inep; 43) Workshop Ministério da Saúde; 44) Portal brasileiro de

---

<sup>3</sup> Disponível em:  
<http://lattes.cnpq.br/0416440515458304>. Acesso em 19 jul. de 2025.

publicações e dados científicos em acesso aberto (Oasisbr); 45) Aprendendo OMP 3.3 - Editora do Colégio Pedro II; 46) Aprendendo OMP 3.3 – Editora IFTM; 47) OJS 3 – UFBA e OJS 3 – IGAM; 48) OJS 3 – TJDFT; 49) Diadorim: serviço do Ibict para as revistas científicas brasileiras; 50) Workshop – Apesp; 51) Oficina interna do Visão – novas funcionalidades; 52) Aprendendo OJS 3.3 – REPIS, IFPR, APESP.<sup>4</sup>

As respectivas atividades foram capitaneadas pelas coordenações e realizadas no contexto de suas respectivas agendas conforme o quadro 1 disponível no final deste documento (Costa e Pimenta, 2025a). Elas mostram bem que há um número relevante de ações de ensino ou de capacitação que precisam ser realizadas com base em um plano político pedagógico comum. Mais adiante trataremos disso.

### **3.2 O ibict e sua faceta teórico-crítica**

Durante os últimos anos é possível fazer um breve levantamento dos projetos que estiveram sob apoio de editais de financiamento, ou reconhecidos como de excelência por meio de bolsas de pesquisa outorgadas aos seus respectivos pesquisadores aqui listados e que contribuem para essa amplitude temática e reflexiva sobre a informação.

Sob a coordenação de Arthur Bezerra:

1. Cultura, informação, falsificação e pirataria: práticas transgressoras de produção, circulação e consumo;
2. Determinantes das Mortes Violentas sem solução: Fluxo do trabalho de registro, perícia, apuração, denúncia e julgamento das mortes violentas na cidade do Rio de Janeiro;
3. Fluxos informacionais, cultura política e competência crítica em informação;
4. Competência crítica em informação para o novo regime de informação;

5. O novo regime de informação: diagnósticos para o exercício da cidadania no ambiente digital;
6. Competência crítica em informação para o novo regime de desinformação;
7. Inteligência artificial e qualidade de vida no ecossistema digital: a busca por autonomia no capitalismo de vigilância;
8. Inteligência Artificial e desinformação: dilemas éticos da era digital.

Sob a coordenação de Gustavo Saldanha:

1. Trilhar o trivium: a filosofia da Ciência da Informação na tradição filosófica da linguagem;
2. Epistemologia histórica do pensamento biblioteconômico-informacional: a trama da linguagem entre instituições, conceitos, artefatos e intersujeitos;
3. Ciência da Informação, filosofia da linguagem e filosofia da cultura: da epistemologia histórica informacional ao pensamento linguístico-simbólico nos estudos informacionais;
4. Outras margens de fundamentação epistemológico-histórica da Ciência da Informação: um estudo a partir da Revue de Bibliologie: schéma et schématisation;
5. Epistemologia histórica da Ciência da Informação e organização do conhecimento: dos fundamentos filosóficos da linguagem à teoria crítica da classificação;
6. Linguagens documentárias fluminenses para a inovação: organização do conhecimento para ciência, cultura e sociedade no Estado do Rio de Janeiro;
7. Organização dos saberes no domínio de povos e comunidades tradicionais do Brasil: linguagens, tecnologias, instituições informacionais e integração pragmática de dados;

---

<sup>4</sup> O conjunto de indagações que compõem a ação de levantamento dos cursos e demais informações sobre aquelas atividades pode ser acessado em Camila Mattos da Costa e Ricardo M. Pimenta

(2025), disponível em:  
<https://doi.org/10.5281/zenodo.16050192>. Acesso em 17 de maio de 2025.

8. Pesquisa Avançada em Ciência da Informação (PACINF): inovação em pesquisa e ensino em informação;
9. Cartas filosófico-epistemológicas em Ciência da Informação: cartografias narrativas das teorias da informação do século XXI para ciência, sociedade e inovação;
10. Brasoc: Sistemas de Organização do Conhecimento do Brasil;
11. Editora Ibict, modelagem, formalização e visibilidade: Integração, inovação, redes e internacionalização da produção das publicações monográficas e seriadas do Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia.

Sob a coordenação de Marco Schneider:

1. Ética e epistemologia em Comunicação hoje;
2. Ética, Política e Epistemologia: interfaces da informação;
3. Fluxos informacionais, cultura política e competência crítica em informação;
4. Literacia Midiática na Sociedade da Desinformação;
5. Referências Cruzadas: Ética, Política e Epistemologia na Ciência da Informação;
6. Competência em Informação na Sociedade da Desinformação;

Já sob a coordenação de Ricardo Pimenta:

1. Faces da redemocratização: os movimentos sociais e suas memórias precedentes e subsequentes à Lei da Anistia, de 1979, no Brasil;
2. Dimensões tecnopolíticas do esquecimento: usos e abusos da memória na era digital;
3. Estudos Históricos sobre Informação e Vigilância no Brasil: de Castelo a Snowden;
4. Tecnopolíticas da visibilidade informacional: o “ser”, o “ver” e o “saber” na hipermoderneidade;
5. Projeto Panteão: Memórias Científicas da Ciência da Informação no Brasil;

6. Estudos Críticos em Humanidades Digitais: desafios à competência e à visibilidade informacional no campo científico das humanas;
7. Epistemologia e prática nas Humanidades Digitais: construção laboratorial de metodologias e pensamento crítico no âmbito da Ciência da Informação;
8. O efeito Lablife das Humanidades Digitais: uma proposta metodológica para a Ciência da Informação;
9. As Humanidades Digitais à luz da Ciência da Informação: da teoria à metodologia como abordagem;
10. Vilém Flusser e a Ciência da Informação: aproximações (in)devidas;
11. Estudo para criação e desenvolvimento da Escola Nacional de Informação Enacin.

Os projetos aqui listados também trazem consigo mais informações de interesse para compreendermos o que apontamos ser aqui uma vanguarda em estudos informacionais no Ibict e que ainda se apresenta em franca expansão.

Se analisássemos,, ainda que superficialmente, o conjunto de projetos seguidos de seus respectivos resumos, poderíamos sugerir os seguintes clusters de grandes domínios temáticos:

No caso de Arthur Bezerra:

- 1) **Ética, Desinformação e Inteligência Artificial:** a) Inteligência Artificial e desinformação: dilemas éticos da era digital; b) Competência crítica em informação para o novo regime de desinformação; c) Combate à desinformação no Brasil e na América Latina.
- 2) **Vigilância Algorítmica e Qualidade de Vida Digital:** a) Inteligência artificial e qualidade de vida no ecossistema digital: a busca por autonomia no capitalismo de vigilância; b) O novo regime de informação: diagnósticos para o exercício da cidadania no ambiente digital.

- 3) **Direitos Difusos e Escuta Social:** a) Plataforma Multidisciplinar de Escuta Social Digital, Combate à Desinformação e Promoção aos Direitos Difusos.

Em Gustavo Saldanha:

- 1) **Publicações Científicas e Internacionalização:** a) Editora Ibict: modelagem, formalização e visibilidade(...); b) Brasoc: Sistemas de Organização do Conhecimento do Brasil.
- 2) **Epistemologia Histórica e Filosofia da Informação** a) Cartas filosófico-epistemológicas em Ciência da Informação (...); b) Epistemologia histórica da Ciência da Informação e organização do conhecimento; c) Outras margens de fundamentação epistemológico-histórica (...); d) Epistemologia histórica do pensamento biblioteconômico-informacional (...); e) Trilhar o trivium: a filosofia da Ciência da Informação (...);
- 3) **Pesquisa Avançada e Inovação em Ensino:** a) Pesquisa Avançada em Ciência da Informação (PACINF) (...).
- 4) **Organização do Conhecimento em Contextos Tradicionais:** a) Organização dos saberes no domínio de povos e comunidades tradicionais(...); b) Linguagens documentárias fluminenses para a inovação (...).

Na perspectiva da atuação de Marco Schneider:

- 1) **Desinformação e Democracia:** a) Organização e curadoria da informação nos projetos de pesquisa sobre desinformação (Perfil-i); b) Combate à Desinformação no Brasil e na América Latina.
- 2) **Competência Crítica e Literacia Midiática:** a) Competência em Informação na Sociedade da Desinformação; b) Literacia Midiática na Sociedade da Desinformação.

- 3) **Ética, Política e Epistemologia:** a) Referências Cruzadas: Ética, Política e Epistemologia na Ciência da Informação; b) Ética e epistemologia em Comunicação hoje; c) Ética, Política e Epistemologia: interfaces da informação.
- 4) **Fluxos Informacionais e Cultura Política:** a) Fluxos informacionais, cultura política e competência crítica em informação.
- 5) **Economia Política e Estudos Culturais:**  
**a)** Economia política da cultura digital nas periferias.

E em Ricardo Pimenta:

- 1) **Fenomenologia e Teoria da Informação:** a) Vilém Flusser e a Ciência da Informação: aproximações (in)devidas; b) As Humanidades Digitais à luz da Ciência da Informação: da teoria à metodologia.
- 2) **Memória, Vigilância e Movimentos Sociais:** a) Faces da redemocratização: movimentos sociais e memórias da Anistia de 1979; b) Estudos Históricos sobre Informação e Vigilância no Brasil: de Castelo a Snowden; c) Dimensões tecnopolíticas do esquecimento: usos e abusos da memória na era digital; d) Projeto Panteão: Memórias Científicas da Ciência da Informação no Brasil.
- 3) **Humanidades Digitais e Pesquisa-Ação:** a) Estudos Críticos em Humanidades Digitais: desafios à competência e à visibilidade informacional; b) Epistemologia e prática nas Humanidades Digitais: construção laboratorial de metodologias e pensamento crítico; c) O efeito Lablife das Humanidades Digitais: uma proposta metodológica.
- 4) **Inovação Pedagógica em Ciência da Informação:** a) Estudo para criação e desenvolvimento da Escola Nacional de Informação (ENACIN).

Ainda em perspectiva ao identificado, podemos também apresentar uma proposta de organização em grandes temas que fosse capaz

de identificar e abarcar as pesquisas aqui enumeradas conforme abaixo:

- 1) “Ética, Desinformação e Inteligência Artificial”;
- 2) “Vigilância Algorítmica, Capitalismo de Dados e Qualidade de Vida”;
- 3) Literacia Midiática, Competência Crítica e Cidadania Digital;
- 4) Epistemologia Histórica, Filosofia da Informação e Teoria Crítica;
- 5) Organização do Conhecimento, Editorialização e Redes de Publicação;
- 6) Humanidades Digitais, Fenomenologia e Metodologias Laboratoriais;
- 7) Memória Social, Vigilância e Movimentos Históricos; e
- 8) Inovação Pedagógica e Modelos de Ensino em Ciência da Informação.

Com efeito, o cenário amplo de mudanças ocorridas nos últimos anos não se restringem à produção desses pesquisadores aqui destacados.

Há ainda outras iniciativas de pesquisa operadas por outros atores dessa que poderíamos chamar de “Escola do Rio”, ligadas à sustentabilidade, à ciência cidadã, às redes sociais e à saúde, aos estudos de gênero e à filosofia.

Todas elas enriquecem em muito esse possível movimento de vanguarda. Mas para fins mais objetivos e didáticos nos atemos a esses aqui melhor exemplificados por serem marcantes no tocante ao recorte temporal no qual acreditamos ser o marco dessa vanguarda que teve origem no Rio de Janeiro, em sua coordenação de ensino e pesquisa.

Complementarmente ao exposto, vale registrar que um dos pontos importantes também levantados foi o rol de especialidades às quais os diversos pesquisadores, técnicos, bolsistas e docentes estavam vinculados.

Em uma pesquisa referente à construção de um diretório de especialistas, para o projeto de Escola Nacional de Informação (Enacin) foi possível coletar o panorama de especialidades a seguir:

Acessibilidade, Acesso Aberto, Agenda 2030, Antropoceno, Antropologia Digital, Análise de negócios, Aplicação do Poder dos Dados, Arquitetura da Informação, Arquitetura de Dados, Capitalismo de vigilância e infâncias, Ciência Aberta, Ciência da Comunicação, Ciência da Informação, Ciência de Dados, Ciências e Tecnologia, Combate à desinformação, Comunicação, Comunicação e divulgação científica, Comunicação Social, Competência Crítica em Informação, Competência em informação, Conflitos de desinformação, Cultura Visual, Cultura Visual Digital, Dados abertos, Data Science, Data Visualization, Deleuze, Declaração de direitos das mulheres, Desinformação, Desinformação Digital, Desenvolvimento de modelos de comunicação da informação em ambientes digitais, Digital Preservation, Distopias informacionais, Direito Autorais, Direitos Autorais, Direitos das Mulheres, Educação, Educação de jovens e adultos, Educação midiática, Educação crítica para as mídias, Ensino, Encontrabilidade da Informação, Épistemologia da Ciência da Informação, Ecoinovação, Ecologias de dados complexas, Ecologias informacionais complexas, Ecologia Política, Engenharia Social, Ensino Freiriana, Ensino híbrido, Ensino remoto, Ensino transdisciplinar, Ensino fundamental, Ensino médio, Ensino superior, Ensino técnico, Ensino universitário, Ensino básico, Ensino digital, Ensino presencial, Ensino a distância, Ensino presencial-online, Ensino híbrido-digital, Ensino e saúde, Ensino e cidadania, Ensino e sustentabilidade, Ensino e tecnologia, Ensino e cultura, Ensino e sociedade, Ensino e infâncias, Ensino multimodal, Ensino inovador, Ensino crítico, Ensino participativo, Ensino colaborativo, Ensino dialógico, Ensino problematizador, Ensino prático, Ensino teórico, Ensino filosófico, Ensino interdisciplinar, Ensino transdisciplinar, Ensino pragmático, Ensino reflexivo, Ensino contextualizado, Ensino digital, Ensino tradicional, Ensino problematização, Ensino científico, Ensino mão na massa, Ensino mentoria, Ensino storytelling, Ensino blended, Feminismo, Fenomenologia, Filosofia da Informação, Filosofia da Técnica, Filosofia da

Tecnologia, Formação de educadores, Gamificação, Geopolítica dos saberes, Governança de Dados, História Digital, História da Ciência da Informação, História das Ciências e da saúde, História da Informação, Infância, Informação e infâncias, Informação em saúde, Inovação, Inteligência Artificial, Integração de mídias, Interoperabilidade entre Sistemas de Informação Abertos, Interdisciplinaridade, Jornalismo, Leitura e produção de textos, Linked data, Linked Open Data, Marketing na Era Digital, Memória Social, Metaestabilidade, Metadados, Metodologias/Métodos Digitais, Metodologia Freiriana, Metodologia de Pesquisa, Métodos Formais, Métrica da Informação, Negacionismo científico/climático/ambiental, Neoextrativismo, Objetivos de Desenvolvimento Sustentável, Organização do Conhecimento, Organizações de arquivo, Pedagogia Crítica, Pedagogia Crítica aplicada, Pedagogia Crítica da Informação, Pensamento decolonial, Pensamento Crítico e Métodos Digitais nas Humanidades Digitais, Performance humana, Política de Ciência e Tecnologia, Políticas de informação, Políticas Públicas, Plataforma Digitais, Poder dos Dados, Preservação Digital, Problematização, Projetos de pesquisa, Psicologia Cognitiva, Publicação Científica, Publicação acadêmica, Publicações, Redes de comunicação e informação, Repositórios Digitais, Repositórios Digitais Abertos, Repositórios de Dados Científicos, Regime de informação, Regime de Informação, Revistas Científicas, Saúde Digital, Santaella, Saracevic, Scientific Visualization, Sociedade da Informação, Sociologia Digital, Sociologia, Stiegler, Sustentabilidade, Teoria da História, Teoria da Imagem, Teoria da Memória, Teoria da Informação, Teoria Crítica, Teoria Crítica da Informação, Teoria Cultural da Ciência da Informação, Teorias da Comunicação, Tecnologias de Informação e Comunicação, Tecnologia Social, Tecnologia para o Desenvolvimento Social, Transparência dos dados públicos, Uso do Celular, Usabilidade, Visibilidade Informacional.

A pesquisa foi respondida por quadros do Rio de Janeiro e de Brasília (Costa & Pimenta,

2025b). Nesse levantamento é possível identificar alguns termos que se adequam facilmente aos grandes temas esboçados a partir das pesquisas dos quatro pesquisadores que entraram no Ibict a partir de 2013. Contudo há ainda uma gama diversificada de temas que sugerem uma demanda inter e transdisciplinar que a CI mais tradicional ainda não responderia.

Ou seja, a necessidade de inovação na pesquisa precisa ser acompanhada pela inovação no seu ensino, em sua transmissão para o aprimoramento de novos recursos humanos e de continuidade da produção do conhecimento.

#### **4 Resultados Parciais ou Finais**

---

Os resultados são parciais. Até o momento pudemos levantar de forma exploratória e identificar de forma descritiva as iniciativas de ensino realizadas no Ibict nos últimos cinco anos, a partir de 2019. Também foi possível acompanhar uma trajetória de desenvolvimento e aprofundamento da pesquisa no âmbito da Coepi/Ibict. Este levantamento foi fundamental não somente para identificarmos os especialistas e as temáticas em voga. Mas para se construir um olhar estratégico de desenvolvimento institucional voltado à área.

Atualmente está em processo o levantamento de material documental que trata do *syllabus* das disciplinas que ocorrem no âmbito da pós-graduação em CI do Ibict.

Juntamente com as demais atividades da agenda de desenvolvimento tecnológico e científico do instituto, ocorridas nos últimos anos, pudemos iniciar – conforme exposto nesse artigo – uma tabulação para compreendermos tendências e temáticas que apontam para o processo orgânico de atualização e inovação daquele instituto em termos de ensino e formação para atender as demandas da sociedade em termos de informação. Essa tabulação ainda continua, pois conforme as ações do Ibict caminham, realizamos uma atualização da mesma.

Com tudo isso, não abordamos ainda um aspecto que trata diretamente da tangibilidade de tais projetos de futuro para a CI. Do ponto de vista do materialismo dialético é possível afirmar que o fazer ciência no Brasil é repleto de contradições e transformações inerentes ao mundo material que lhe possibilita acontecer.

A entrada de quatro pesquisadores em 2013 poderia e até deveria ser um dado ordinário para qualquer instituto. Contudo, ao considerarmos a realidade da ciência brasileira e dos investimentos públicos naquele período, o concurso público realizado em 2012 foi visto pela comunidade científica como um grande marco. Outras unidades de pesquisa realizaram seus respectivos processos seletivos na época e somente após 12 anos um novo concurso foi realizado, abrindo mais quatro vagas para o corpo de pesquisadores do Ibict. Tais números precisam ser apresentados tendo como perspectiva a ainda solapante realidade de um déficit relevante de quadros que por aposentadoria ou morte desfalcam as unidades de pesquisa brasileiras ligadas ao Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação (MCTI).

Juntamente com o aspecto político aqui posto, já se tornou possível identificar algumas realizações do ponto de vista infraestrutural que compõem o corpo deste programa transversal de escola e que, sem elas, somente estariam a fazer um trabalho teórico de uma escola em termos ideais.

Além do seu respectivo portal que se encontra já online em <<http://enacin.ibict.br>>, há o desenvolvimento de instrumentos capazes de dar sustentação à sua plataforma de ensino. Sem estes recursos tecnológicos, que carecem de recursos financeiros para serem desenvolvidos, nada se torna concreto. Algumas das realizações tratam, por exemplo, da instalação de uma ferramenta chamada de Mini IO — um serviço que permite o armazenamento de objetos digitais de forma “transparente”, otimizando de maneira distribuída o armazenamento — e outra intitulada *Peertube* — ferramenta de *streaming* de vídeos (similar à plataforma proprietária *YouTube*) e que pode agir sem a dependência de nuvem ou servidores privados.

Com ela criou-se a videoteca da Enacin, disponível em <<https://videoteca.ibict.br>>, e a partir dela buscar-se-á transferir todos os vídeos de aulas e seminários armazenados no You Tube para essa nova plataforma totalmente do Ibict. Faz-se presente já um sistema de gestão acadêmica <<https://odorico.ibict.br>> de código aberto único na coordenação de ensino do instituto e igualmente construiu-se uma plataforma de ensino à distância para uso.

Com efeito, no escopo da Enacin as atividades de ensino, quaisquer que sejam, estarão todas em sua estrutura que, por sua vez, passa a ser gerida pela Coepi, a única coordenação de ensino e pesquisa do Instituto cuja missão é a de planejar, formar, capacitar e promover a fixação de recursos humanos.

Conforme em seu portal, as atividades de todo o Ibict passam a se dividir entre: a) Programa de Pesquisa e Pós-Graduação em Ciência da Informação; b) Pós-doutorado; c) Mestrado Profissional; d) Especialização *lato sensu*; e) Programa de Extensão; f) Divulgação e Popularização do Conhecimento; d) Cursos Livres; h) Métodos Digitais, Humanidades Digitais, Ensino e Pesquisa em Estudos da Informação.

Para o que foi levantado de atividades do grupo de Brasília, muitas passam a se inserir no contexto de cursos livres — que abarcam capacitações e treinamentos entre outras possibilidades — e métodos digitais. Outras ligadas à popularização da ciência serão realizadas no contexto da extensão e das atividades próprias de divulgação científica junto com a parceria do Canal Ciência, entidade do Ibict em Brasília dedicada à popularização do conhecimento científico. Demais atividades que já possuem contornos mais próprios da academia se distribuirão entre as ações *lato sensu*, *stricto sensu* e estágios pós-doutoriais.

## **5 Considerações Parciais ou Finais**

---

As evidências materiais apresentadas nos resultados, juntamente com o levantamento das práticas de ensino recentes, iluminam como se configura o complexo cenário

informacional em que estamos imersos. Nesse contexto, iniciativas coletivas e institucionais — concebidas como por meio de um programa que busca formar-se como um verdadeiro “dispositivo Escola” — podem emergir como espaços capazes de gerar novas formas de transindividuação, ao mesmo tempo em que estimulam abordagens multi e transdisciplinares que ultrapassam a interdisciplinaridade tradicional da CI.

O constante leque de mudanças pelas quais todos passamos em escala global não podem ser compreendidos tampouco repassados às novas gerações em tempo hábil — e que fatalmente se mostra cada vez mais acelerado — se não incorporarmos a inovação nas práticas docentes e nas estratégias e políticas pedagógicas. A vanguarda, sempre característica do Ibict desde sua criação na década de 50 do século passado, é ainda presente nas práticas, nas pesquisas e na docência.

Este artigo buscou identificar, exemplificar e refletir de forma crítica sobre alguns dados e informações que nos ajudam a compreender as trajetórias de uma geração de pesquisadores que marcam essa vanguarda e que não por acaso passam a ser reconhecidos informalmente em evento do *International Center of Information Ethics* (ICIE) ocorrido no Ibict, na cidade do Rio de Janeiro, como precursores da “Escola do Rio”. A carta aberta aponta que:

Com o desenvolvimento e crescente penetração social das tecnologias digitais de informação e comunicação ao redor do mundo nas últimas décadas, as pesquisas em ética da informação têm dado especial atenção aos efeitos, promessas e riscos que esse novo ecossistema informacional tem promovido em todas as esferas da vida em sociedade: nas relações interpessoais, na educação, na produção e divulgação científica, na política, na economia, no trabalho, na saúde, na cultura, no entretenimento, nas imbricações

entre todas essas esferas. Na virada do último século para o atual, as perspectivas pareciam favoráveis para os que acreditavam ingressar em uma “sociedade da informação”, que prometia um mundo mais próspero, inclusivo, democrático e pluralista. No mesmo período, diversas declarações internacionais foram redigidas e assinadas por atores comprometidos com a inclusão digital, tendo por corolário o respeito à diversidade cultural e a promoção dos direitos e qualidade de vida das minorias. Entretanto, tais metas com frequência revelaram-se wishfull thinking, talvez por seus proponentes não terem argumentado ou atuado numa perspectiva para além do mercado. Ora, o mercado não é necessariamente contrário nem favorável à promoção da inclusão digital, da diversidade cultural, dos direitos e qualidade de vida das minorias, desde que rendam dividendos financeiros mais rapidamente e num volume superior a investimentos concorrentes. Essa é sua regra de ouro. Afinal, o mercado não é propriamente imoral, e sim amoral. Contudo, quanto mais desregulado ele se torna, mais essa amoralidade tende a converter-se em imoralidade, na medida em que a busca desenfreada por lucros maiores e mais rápidos agudiza as desigualdades e contradições estruturais que o capitalismo carrega desde suas origens mercantilistas e coloniais, marcadamente escravocratas. Nos dias atuais, esse movimento se cristaliza no que foi chamado pela Unesco de desinfodemia — a propagação em massa de desinformação (*International Center for Information Ethics*, 2022).

O compromisso exposto defende de a construção participativa de normas que regulem a convergência digital, revelando os alicerces que viabilizam a circulação massiva de desinformação; ao mesmo tempo, propõe-se o aperfeiçoamento de técnicas que inibam a monetização da manipulação informativa por

meio de publicidade programática e exploração da atenção. É também essencial fomentar investigações em ética informacional — tanto no âmbito intra quanto intercultural — para compreender como narrativas anti-científicas conquistam adesão popular e, com isso, fortalecer o debate democrático e o exercício pleno da cidadania. Adicionalmente, recomenda-se lançar mão de iniciativas editoriais específicas para difundir conhecimento científico sobre o tema, impulsionar avanços teóricos e práticos em Humanidades Digitais, educomunicação, literacia midiática e competência em informação, com ênfase em programas de grande alcance voltados às novas gerações. Para materializar essa agenda, sugere-se articular uma rede de pesquisadores e ativistas de todo o Leste Latino-Americano e Caribe em torno dos princípios desta Carta, integrando-a de forma orgânica a outros grupos regionais e aos capítulos do ICIE no Sul Global. Por fim, almeja-se consolidar o ICIE, especialmente seu pólo “Escola do Rio” na Coepi/Ibict, como referência global em pesquisa, ensino e ação contra a desinformação, sempre pautado pela eficácia de suas iniciativas.

A Escola do Rio se tornou o germe da Enacin. E o Ibict continua na esteira da vanguarda da Ci no Brasil, na América Latina e Caribe desde sua origem.

## 6.1 Referências

---

- Araújo, C. A, A, de. Posfácio In.: Bezerra, A. C., Schneider, M. A. F., Pimenta, R., & Saldanha, G. (Eds.). (2019). *iKritika: Estudos críticos em informação*. Garamond.
- Bezerra, A. C., Schneider, M. A. F., Pimenta, R., & Saldanha, G. (Eds.). (2019). *iKritika: Estudos críticos em informação*. Garamond.
- Carvalho, J. M. (2019). A escola pública como máquina de guerra. *Série-Estudos*, 24(50), 103–120. <https://doi.org/10.20435/serie-estudos.v24i50.1196>
- Combes, M. (2013). *Gilbert Simondon and the philosophy of the transindividual*. Cambridge, MA: The MIT Press.
- Costa, C. M., & Pimenta, R. M. (2025a). *Planilha de respostas sobre atividades de ensino no Ibict* [data spreadsheet]. Zenodo. <https://doi.org/10.5281/zenodo.1605115>
- Costa, C. M., & Pimenta, R. M. (2025b). *Planilha de registro de especialistas no Ibict para adesão à Enacin* [Escola Nacional de Informação] [Data set]. Zenodo. <https://doi.org/10.5281/zenodo.16219660>
- Menou, M. J. (1996). Cultura, informação e educação de profissionais de informação nos países em desenvolvimento. *Ciência da Informação*, 25(3). <https://doi.org/10.18225/ci.inf.v25i3.626>.
- Fecher, B., & Friesike, S. (2014). *Open science: One term, five schools of thought*. Springer International Publishing. Disponível em: [https://library.oapen.org/bitstream/handle/2\\_0.500.12657/28008/1/2014\\_Book\\_OpeningScience.pdf](https://library.oapen.org/bitstream/handle/2_0.500.12657/28008/1/2014_Book_OpeningScience.pdf). Acesso em: 19 jul. 2025.
- França, H. E. C., & Gomes, A. N. da S. (2013). Nas fronteiras do BIT: Como a (Não) clareza de conceitos e terminologias digitais podem afetar a autenticidade da informação registrada. *Globalização, ciência, informação. Atas: VI Encontro Ibérico EDICIC 2013, 2013, ISBN 978-972-36-1339-1, págs. 1089-1104, 1089-1104*. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=7794181>
- Gónzalez de Gómez, M. N. (2002). Novos cenários políticos para a informação. *Ciência da Informação*, [S.I.], v. 31, n. 1, apr.. ISSN 1518-8353. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0100-19652002000100004>. Acesso em: 19 apr. 2020.
- Han, B. (2018). No enxame: perspectivas do digital. Petrópolis: Vozes.
- Han, B. (2015). Sociedade do cansaço. Petrópolis: Vozes.
- International Center for Information Ethics. (2022). *Letter of Rio*. Disponível em: <https://icie.ibict.br/letter/letter-of-rio/>. Acesso em 20 jul 2025.
- Pinheiro, L. V. R. (2009). Configurações disciplinares e interdisciplinares da Ciência da Informação no ensino e pesquisa no Brasil. In: ENCONTRO DE LA ASOCIACIÓN DE EDUCACIÓN E INVESTIGACIONES EN CIENCIA DE LA INFORMACIÓN DE IBEROAMÉRICA Y EL CARIBE, 4., 2009, Coimbra. Anais [...]. Coimbra: EDIBCIC, p. 99-111. Disponível em

<http://ridi.ibict.br/bitstream/123456789/43/1/PINHEIROEDIBCIC.pdf>. Acesso em 20 set 2024.

Saracevic, T. (1978). Educação em ciência da informação na década de 1980. *Ciência da informação*, Brasília, v. 7, n. 1, 1978.  
Disponível em:  
<https://revista.ibict.br/ciinf/article/view/120>.  
Acesso em 20 set 2024.

Silva, E. B. F. da, & Sampaio, D. A. (2017). O BOOM INFORMACIONAL: a tecnologia e a gênese da ciência da informação. *BiblioCanto*, 3(2), 3–16.  
Disponível em:  
<https://doi.org/10.21680/2447-7842.2017v3n2ID12349>. Acesso em: 19 jul. 2025..

Simon, J. (2010). *Knowing together: A social epistemology for socio-technical epistemic systems* [Tese de doutorado]. University of Vienna. Disponível em:  
[http://othes.univie.ac.at/10285/1/2010-04-19\\_0547816.pdf](http://othes.univie.ac.at/10285/1/2010-04-19_0547816.pdf). Acesso em 17 jul. 2025.

Simondon, G. (1989). *L'individuation psychique et collective*. Paris, France: Aubier.

Song, Y., Wei, K., Yang, S., Shu, F., & Qiu, J. (2020). Analysis on the research progress of library and information science since the new century. *Library Hi Tech*, 41(4), 1145–1157. 2020. Disponível em:  
<https://doi.org/10.1108/LHT-06-2020-0126> [Bohriumouci.dntb.gov.ua](http://Bohriumouci.dntb.gov.ua). Acesso em: 19 jul. 2025..

**Quadro 1 - Ementas de cursos realizados entre 2019 e 2024 no Ibict**

Coordenações	Ementas de cursos realizados entre 2019 a 2024
CGTI	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Java com Maven ou Gradle (Orientação a objeto, Sockets, JDBC); Java 7; Básico de Programação em Java; Orientação a objeto; Sockets; JDBC</li> <li>- Desenvolvendo aplicações web com Spring Boot e jHipster</li> <li>- Fechamento do projeto InovaSUS</li> <li>- Apresentação de novas funcionalidades do Sistema Visão</li> <li>- Explanações técnicas sobre os principais itens de uso e funcionamento do Archivematica</li> <li>- Alinhamento de conhecimentos entre os membros da equipe do projeto Regularização Fundiária</li> <li>- Levantamento de requisitos informacionais para desenvolvimento de portais</li> <li>- Levantamento de requisitos informacionais para desenvolvimento da plataforma Civis</li> <li>- Levantamento de requisitos informacionais para migração do site do Ibict para o gov.br</li> <li>- Alinhamento e validação de atividades para projeto Hipácia</li> <li>- Identificação e levantamento de necessidades informacionais do Iphan</li> <li>- Identificação e levantamento de necessidades informacionais do Ministério da Saúde</li> <li>- Identificação e levantamento de necessidades informacionais para desenvolvimento do aplicativo Mais Primeira Infância</li> <li>- Identificação e levantamento de necessidades informacionais para desenvolvimento da plataforma de assistência técnica rural</li> <li>- Oficina – Semana do Bibliotecário (CRB-MA)</li> <li>- Levantamento das necessidades informacionais do TRE-SP para posterior plano de trabalho</li> <li>- Contextualização sobre as mudanças no Visão; disponibilizar login; gerenciar grupos; criar indicadores e camadas; criar visão primária e secundária; esclarecimento de dúvidas.</li> </ul>
<b>CODIC</b> (Tratamento, Análise e Disseminação da Informação Científica)	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Traçar histórico do movimento de Acesso Aberto no Brasil, produtos do Ibict e vantagens de aderir ao Oasisbr</li> <li>- Compreender avaliação de revistas científicas em Acesso Aberto e como serviços do Ibict podem aprimorar qualidade e disseminação</li> <li>- “O Portal Oasisbr”: funcionalidades e importância para intercâmbio e divulgação científica</li> </ul>
COTIC	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Repasse das atividades dos pesquisadores do Ibict na implementação do RDC-Arq via Modelo Hipácia de Preservação Digital</li> <li>- Apresentação de conceitos teórico-práticos para implementação do RDC-Arq por meio do Modelo Hipácia</li> <li>- Oficina sobre o Modelo Hipácia: fundamentos teóricos, práticos e diálogo aprofundado</li> <li>- Oficina PGD-BR: histórico, funcionalidades, registro de projetos e relevância no cenário científico atual</li> </ul>
COTEC	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Uso da ferramenta OJS (versões 3 e 3.3)</li> <li>- Uso da ferramenta OMP versão 3.3</li> <li>- Uso da ferramenta Koha</li> </ul>

**Fonte:** (Costa & Pimenta, 2025a).<sup>5</sup>

<sup>5</sup> Disponível em: <https://doi.org/10.5281/zenodo.16051115>. Acesso em 17 de maio de 2025.